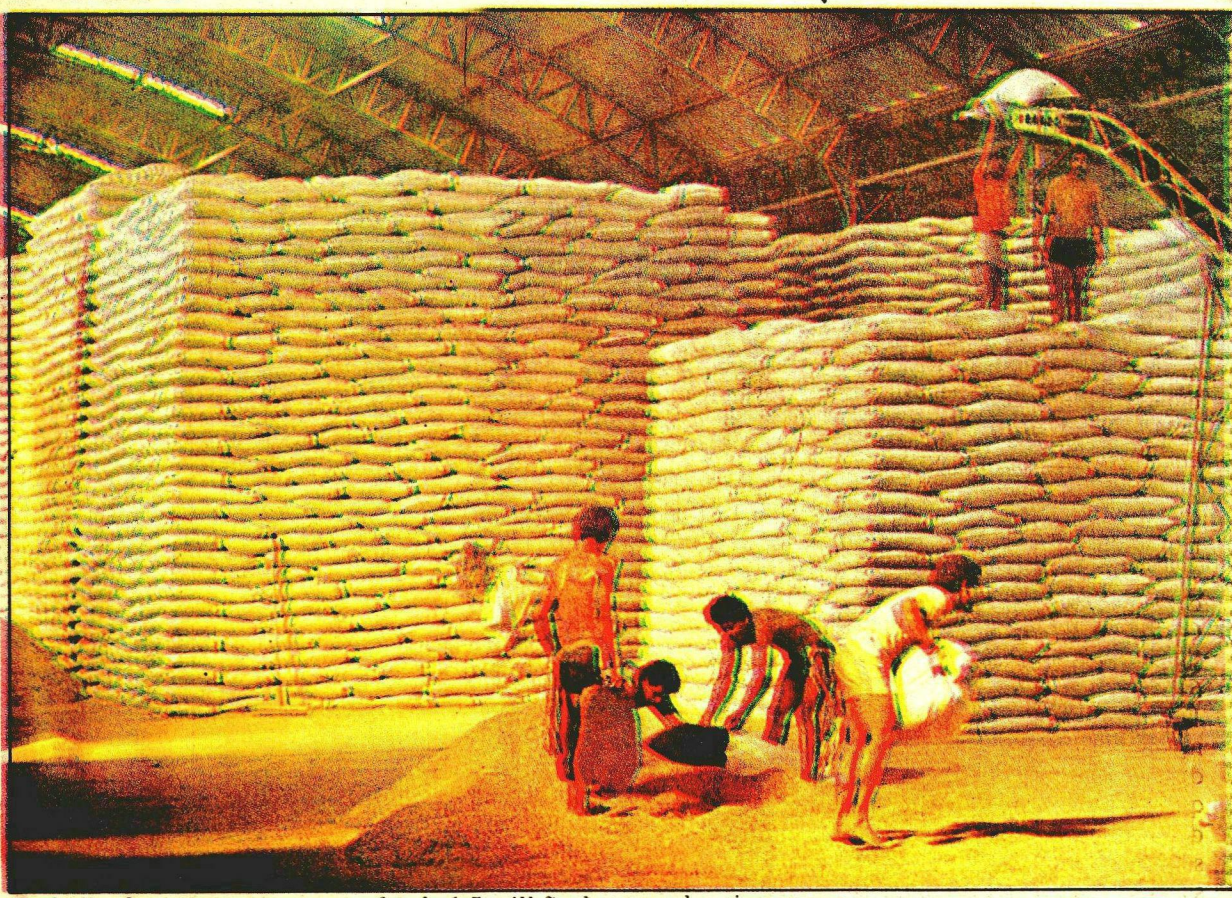




Colheitadeiras no cerrado: produtividade superior à dos Estados Unidos.



Trabalhadores armazenam a safra de 1,5 milhão de sacas de soja por ano

“O trabalho é uma coisa que faz muito bem”

Há três anos, a fazenda Itamarati Norte, do multiempresário Olacyr de Moraes, no norte do Mato Grosso, era um lugar onde soja não ia bem. Uns poucos tratores haviam aberto 2 mil hectares de terra, e meia dúzia de colheitadeiras bastavam para retirar a produção. Hoje há 150 colheitadeiras trabalhando nesse mesmo lugar. Trezentos tratores, 150 caminhões, 80 plantadeiras, 50 semeadeiras. Três aviões para lançar inseticida e mais dois para passageiros, que dispõem de uma pista asfaltada de 2.050 metros, equipada com apoios de terra como rádio-farol e VHF. Mais da metade da fazenda de 120 mil hectares foi aberta e está produzindo.

O cerrado, inóspito para soja, hoje está propiciando uma produtividade maior do que a dos Estados Unidos: 2,1 toneladas por hectare, contra 1,8 dos americanos, segundo a direção da fazenda. Assim, a Itamarati está colhendo 1,5 milhão de sacas de soja, este ano. Mais 850 mil de arroz, 135 mil de milho e 100 mil de feijão, culturas ainda em fase de implantação. E até mesmo no pomar de 100 hectares e na horta de 20 hectares — por assim dizer, domésticos — a produção é espantosa.

Meia centena de funcionários estudam 3 mil linhagens de soja

No coração da fazenda nasceu uma vila, a Itanorte. Está com 600 casas de alvenaria, servidas por luz, água e esgotos, mais os hotéis-alojamento, com chaves na portaria, onde moram 1.500 trabalhadores solteiros. A vila, com hospital, dentista, escola, posto telefônico e supermercado, cresce como mais um milagre do cerrado: Vigorosamente, para no ano que vem dobrar sua população atual de quase 5 mil pessoas, contando-se os trabalhadores avulsos.

Como isto tudo foi possível, em três anos? Um dos motivos fundamentais foi o desenvolvimento de variedades de soja que se deram muito bem no cerrado, como a cristalina e a carajás, obtidas pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Embrapa. Outro, o espírito empreendedor de Olacyr de Moraes, que tem dito ou escrito coisas como esta: “O país nasceu para ser rico. Tem recursos naturais, fronteiras agrícolas e mão-de-obra em quantidade e qualidade”. Ou: “Basta realmente nós resolvermos transformar a agricultura brasileira numa das maiores do mundo”. Ou ainda: “O trabalho é uma coisa que faz muito bem”.

Esta forma de pensar tornou o rapaz que ganhava a vida com três velhos caminhões de transporte, em 1951, o comandante de um império de 25 empresas — que inclui o Banco Itamarati e a Construtora Constran, a quinta do país — com 16 mil funcionários e um faturamento calculado em US\$ 800 milhões — o Grupo Itamarati. No campo da agropecuária, é o maior produtor individual de soja no mundo. A Fazenda Itamarati, no Mato Grosso do Sul, e a Itamarati Norte estão produzindo 2,5 milhões de sacas de soja este ano.

E transportar essa produção toda até o porto de Santos deverá ser fácil e barato nos próximos anos, quando a ferrovia de Olacyr estiver pronta. A previsão é 1996. Não há por que duvidar que a Feronorte, com seus 1.718 quilômetros desde Uberaba no Triângulo Mineiro, até Cuiabá, o mais novo desafio do multiempresário, venha a se tornar uma exemplar e rentável realidade. “É realmente um projeto arrojado, mas será feito com os pés no chão, sem endividamento e na medida do possível”, diz Olacyr,

que já recusou ofertas de financiamento externo ou de participação de países como Rússia, Alemanha e Estados Unidos.

O projeto é ir assentado os trilhos de Uberaba para cima, por etapas: cada trecho construído (digamos cem, duzentos quilômetros) já começará a ser operado com o transporte de grãos e outros produtos dessa riquíssima região que se ligará em São Paulo, com os trilhos da Fepasa. Os rendimentos desse trecho serão revestidos na ferrovia. Numa outra etapa, os trilhos poderão estender-se de Cuiabá a Porto Velho, capital de Rondônia, e Santarém no Pará. As obras não sofrerão a manipulação burocrática que costuma encarecer os empreendimentos oficiais. Serão feitas, naturalmente, pela Constran.

E ter uma empreiteira permite também resolver problemas menos vultuosos como o do abastecimento de energia elétrica em Itamarati Norte. No momento, a energia vem da Companhia Energética do Mato Grosso (Cemat). Mas já está em fase de detalhamento de projeto a construção pelo Grupo Itamarati, de uma hidrelétrica que poderia atender também empreendimentos de cidades vizinhas.

Assim acontece hoje com um elemento vital para a região, o calcário, que corrige a acidez da terra do cerrado. O calcário vem de uma outra fazenda de Olacyr na área, a Alvorada. Serve a Itamarati Norte e outros empreendimentos do grupo como a destilaria de álcool Itamarati, e ainda sobra para vender aos vizinhos que se beneficiam com os preços não agravados pelo frete de longas distâncias.

O calcário já estava redimindo a Chapada dos Parecis quando Olacyr começou a comprar terras na região, a partir de 1973. Entrou com pecuária, mas rendeu-se à agricultura, de que gosta mais. A Chapada é uma área imensa, com 630 metros de altitude e clima de montanha. Ótimas condições para a soja, que se dá muito bem em lugares altos, como também o trigo, que Olacyr está testando. Mas o solo é o do cerrado, precisa ser corrigido. Em 1983, o empresário, que já tinha uma grande produção de soja na Fazenda Itamarati, Mato Grosso do Sul, mandou começar a abrir o que seria a Itamarati Norte. Um de seus homens-chave, o agrônomo Toshio Hirooka, foi trazido da primeira fazenda e começou a plantar.

“Mas os pés de soja não cresciam. Eles faziam canteiros, mas, mesmo com a terra corrigida, a soja não dava bem”, lembra hoje o engenheiro Takashi Shida, diretor-administrativo da fazenda. Um outro colaborador de Olacyr (de um seleto grupo com nível de direção), Alberto Keiti Nomura, diretor-superintendente, chegou a desanimar. “Ele olhava a plantinha mirrada e não acreditava que ia ter futuro”, recorda Takashi. Mas as experiências continuavam. Até que, em 1986, surgiram as variedades obtidas pela Embrapa. E Olacyr deu a ordem: plantar.

Era maio. O plantio se daria entre outubro e novembro. E a ordem era abrir 20 mil hectares. Num trabalho de 24 horas, os tratores e outras máquinas varavam a noite com os faróis iluminando a terra. A derrubada dos arbustos do cerrado e a aplicação do calcário podiam ser feitas nessas horas. Compraram-se equipamentos novos, como tratores e colheitadeiras. E quinhentos trabalhadores foram contratados. Casas e a infra-estrutura da vila começaram a surgir. Quase não havia armazéns. Tiveram que ser feitos. Tratava-se, afinal, de abrir e semear uma área dez vezes maior do que os 2.000 hectares onde Toshio vinha tentando.

“Os resultados foram empolgantes”, dizem as testemunhas. Mal terminada a colheita, nova ordem: plantar mais. Agora estava mais fácil, porque afinal tratava-se apenas de dobrar a produção. E mais 20.000 hectares foram semeados no ano seguinte, para a safra 1988/1989, que está sendo colhida. “Hoje Nomura é o maior defensor da soja nesta região”, diz seu colega Takashi.

Para armazenar a produção, foram construídos silos que podem guardar o equivalente a 2,5 milhões de sacas a granel e armazéns para 3 milhões de sacas. A Itamarati Norte produz — mas não beneficia, não industrializa nem transporta. São os compradores, grandes exportadores nacionais, que retiram a soja e a levam, em caminhões, para o porto de Santos.

Bem ao estilo Olacyr, as sementes de soja são plantadas com a certeza de que irão propiciar muito bons resultados. A garantia começa com as pesquisas feitas em Itamarati e Itamarati Norte, onde meia centena de funcionários estudam 3 mil linhagens de soja e centenas de trigo, para aproveitar duas ou três variedades. Em Itamarati Norte, a bióloga Maria Shinike comanda uma equipe que faz testes de germinação: de cada duzentos sacos de sementes são retiradas quatrocentas sementes, num sistema de amostragem. Essas sementes eleitas são colocadas em mantas, onde germinam como bebês de proveta. Com isso, Maria e sua equipe podem dizer quais as que vão germinar bem.

Só serão semeadas, naturalmente, as sementes que estão nos sacos de onde vieram as mais férteis. Este trabalho permite também estabelecer quantas unidades devem ser usadas por metro linear. “É uma área muito grande a ser plantada, temos que trabalhar com precisão”, diz a bióloga.

O trabalho de laboratório é coadjuvado pelos campos de pesquisa, onde, em 200 hectares, são plantadas variedades de soja e outras culturas, como algodão, ervilha e sorgo. “Nós pesquisamos as espécies que se adaptam ao cerrado e vamos melhorando a tecnologia de produção”, diz o engenheiro agrônomo Alberto Nagib de Vasconcelos Miguel. As espécies promissoras são promovidas ao campo de multiplicação, de onde podem sair diretamente para o plantio em grande escala, como está acontecendo com o feijão.

Mas Campos Novos do Parecis, município onde está a Itamarati Norte, situa-se na Amazônia Legal (embora não tenha floresta) e possui o mesmo regime de chuvas peculiar das porções mais ao norte: chove nos seis meses de inverno, não chove nos seis meses de verão. Para a soja, plantada no início das chuvas, tudo bem. Mas o que fazer com os meses sem chuva?

“Como pagar a dívida? É só trabalhar a sério, como estamos fazendo.”

Sobrevoando a fazenda no Skylane 182, um simpático Cessna monomotor de serviço, vê-se uma sequência de quadros de tons variados e correspondente às áreas onde há soja para colher ou onde já foi colhida, ou simplesmente a terra está preparada para a próxima semeadura. Mas em dado momento surgem círculos enormes, dez no total. A mudança de geometria indica que o homem está suprimindo o que lhe falta na natureza. No centro de cada círculo está um pivô de irrigação, que alimenta um braço de 600 metros. O braço roda, sobre pneus, 360 graus ao redor do pivô, esgui-

chando água.

Isto se dá a 5 metros de altura, de modo que as máquinas podem trabalhar sob ele. Cada conjunto desses irriga 1.200 hectares e custa cerca de US\$ 120 mil, mas vale a pena. O feijão plantado ali em

pleno verão está vingando com boa qualidade, e dando de 25 a 30 sacas por hectare. Este fato, aliado à eficiência das colheitadeiras que, em grupos de dez, colhem e descascam os grãos da soja — tanques fantásticos, na guerra da produção — pa-

rece dar sentido à opinião emitida com sobriedade, por Takashi Shida, o diretor administrativo: “Eu não entendo por que não se paga a dívida externa. É só todos trabalharem sério e produzir, com estamos fazendo”.